

O tratamento da variação linguística discutido através da opinião dos professores de Língua Portuguesa

Joselia da Silva Barbosa

Maria da Conceição da Silva Martins

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

RESUMO: O presente trabalho intitulado “O tratamento da variação linguística discutido através da opinião dos professores de Língua Portuguesa” teve como principal objetivo verificar o tratamento da variação linguística em sala de aula com professores do ensino fundamental e médio. Através de observações participantes e entrevistas semiestruturadas, procurou-se buscar respostas para descobrir o ponto de vista dos educadores de Língua Portuguesa. A área de pesquisa foi à linguística aplicada, os resultados alcançados mostraram que os professores têm uma noção diferenciada sobre a Sociolinguística.

Palavras-chave: língua; variação linguística; professores de língua portuguesa.

RESUMEN: Este estudio titulado "El tratamiento de la variación lingüística discutido por la opinión de los maestros de Lengua Portuguesa" con el objetivo de verificar el tratamiento de la variación lingüística en el aula con los maestros de primaria y secundaria. A través de observaciones participantes y entrevistas semiestructuradas, se buscó buscar respuestas para descubrir el punto de vista de los educadores de Lengua Portuguesa. El área de investigación fue a la lingüística aplicada, los resultados alcanzados mostraron que los maestros tienen una noción diferenciada sobre la Sociolingüística.

Palabras clave: lengua; variación lingüística; profesores de lengua portuguesa.

Introdução

O presente trabalho referente às variações linguísticas na concepção de professores tem como finalidade detectar peculiaridades quanto ao funcionamento da língua na opinião dos professores em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa. Levando em conta que vivemos em uma tríplice fronteira, a mistura de dialetos e línguas é muito grande pertinente ao município de Tabatinga-AM, levando a considerar a razoável ideia de que os muitos tipos de variações ocorrem nesse lugar. Com isso, torna-se considerável verificar o tratamento da variação linguística referente a opinião dos educadores em níveis do ensino fundamental e médio e dessa forma, tentar observar se as variações linguísticas fazem parte dos conteúdos ministrados em suas aulas.

O estudo da variação linguística vem sendo discutido ao longo dos anos, com o intuito de ajudar nesse sentido. É preciso que os diferentes tipos de variedades linguísticas advindas de um processo social, histórico ou ainda cultural, sejam considerados particularmente com

todas as suas implicações no ambiente escolar, não de um ponto de vista técnico, mas antes de tudo de um processo baseado em fatos reais do uso da fala no cotidiano dos falantes.

A natureza da pesquisa fora de cunho sociolinguístico, levando em consideração os estudos da Linguística Aplicada, que segundo Coelho (2015, p. 13) “é o campo dentro das ciências da linguagem que se dedica, de alguma forma, ao estudo da língua no contexto social”. Optou-se por essa linha de pesquisa pelo fato de que a intenção foi discutir questões relativas à natureza social e educacional dos processos de ensino e aprendizagem dentro da sociedade relacionados à língua e suas realizações na visão do educador. A forma de abordagem foi qualitativa, pois os objetivos não visavam levar em consideração os aspectos estatísticos muito menos numéricos e sim o fenômeno histórico- sociológico.

Para a coleta dos dados primeiramente foram feitas observações participantes, dentro da sala de aula juntamente com o uso de um diário de campo, seguida da gravação de entrevista referente a opinião dos professores, para posteriores transcrições.

1. Postulados teóricos quanto aos estudos sociolinguísticos e a Gramática Tradicional dentro do campo educacional

A teoria da Sociolinguística surge na década de 60, com o intuito de explicar que a língua muda com o passar dos tempos e que por sua vez, a mesma pode variar de acordo com determinadas situações. Ou seja, decorrentes dos anos, as presentes modificações nos falares tanto urbanos como rurais variam dentro regiões, de idade, de faixa etária, de grau de escolaridade entre outros fatores. Preti (1997, p. 12) afirma que:

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros e significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística. Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí campos novos de pesquisa, em especial o da sociolinguística.

O papel da Sociolinguística é analisar a língua dentro da sociedade e de alguma forma investigar como essas modificações vêm acontecendo. Para isso, é necessário que haja uma relação entre língua e sociedade, levando em conta que a língua é de caráter coletivo, constrói-se conforme os padrões sociais, isto é, a sociedade é dividida em classes e cada classe têm seu modo de falar peculiar que através desses falares se constrói as variações, e é nesse sentido que o estudo da língua pode ligar-se a Sociologia. Na mesma linha de

raciocínio, Cezario e Votre (2012, p. 141) diz que:

É uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Para a Sociolinguística, a língua é estudada em seu uso dentro de um contexto real, uma vez que, seu objeto de análise parte antes de tudo das manifestações dos falantes, levando em consideração a estrutura ou a forma como são pronunciadas as palavras, envolvendo os aspectos sociais e culturais vivenciados pelos indivíduos de uma mesma comunidade. De fato, a língua nesse sentido, é uma instituição social, pois parte antes de tudo das interações sociais. É como expressa Calvet (2012, p. 12) “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Portanto, já que as línguas não existem sem os seus falantes é preciso que haja uma inter-relação entre língua, sociedade e sua história.

De acordo com Soares (2002, p. 39), há uma grande e complexa diversidade quando se trata de estudar as línguas levando em consideração diferentes pontos de vista.

O estudo das línguas em diferentes culturas deixa claro, da mesma forma, que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas: todas elas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, e igualmente válidas como instrumento de comunicação social.

Diante dessa afirmação, cabe aqui ressaltar que não existe comunidade sem fala e que a forma como ela é tratada de modo particular não desvincula seu interesse, uma vez que é utilizada para um só objetivo, a comunicação social entre os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade. As diversidades culturais, constituem um fator importante encontrado na língua chamada de variações linguísticas. Mollica (2013, p.10) destaca duas ocorrências detidas desse processo encontradas na fala, as variantes e as variáveis.

As variações linguísticas constituem um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. As variantes seriam as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamada de variável dependente.

As variantes segundo a autora podem ser diversas e alternadas. As palavras podem variar em suas formas linguísticas dependendo do lugar em que se encontram. Seja de região para região, de estado, de município, dependentes de fatores externos, isso ocorre com frequência. Por exemplo, a palavra “curite”, usada em Tabatinga-AM com frequência pelos habitantes desse lugar, sofre a influência do espanhol dos colombianos vizinhos ao lado, fazendo fronteira com o Brasil, de forma que não acontece o mesmo em municípios próximos, como é o caso de Benjamim Constant onde o mesmo referente é denominado “din-din”.

Então, seria sensato afirmar nesse caso que não há língua sem que haja variedades linguísticas presentes no cotidiano das pessoas, pois as variantes são denominadas a partir de diversas situações corriqueiras do convívio social. Os indivíduos sempre estão partindo de uma forma ou de outra, em busca de novos olhares em relação ao comportamento e entrosamento com seus semelhantes, porém não se pode negar que nem sempre esse tipo de evento encontrado na fala é bem visto pela sociedade. Aquilo que a sociedade, principalmente das classes mais altas, chama de “erro” na linguagem falada é simplesmente tratada como variação pela Sociolinguística. Vemos que primeiramente o tratamento do chamado “erro” decorre de pessoas que gozam de privilégios sociais elevados, não é uma questão unânime onde todos concordem com essa posição negativa do uso da língua, antes disso, para pessoas de classes baixas, a língua nada mais é do que um meio de comunicação, que sem nenhum empecilho realiza o que se propõe a interação verbal do dia-a-dia.

No entanto, não se podem postular tantas especulações, sem levar em consideração o outro lado da questão educacional, voltada principalmente para estudos gramaticais normativos.

1.1. A Gramática Tradicional versus a Sociolinguística

A Gramática Tradicional criada e desenvolvida por filósofos gregos predomina sobre o ensino escolar a mais de dois mil anos em pleno o século XXI, Martelotta (2012). Concretiza-se através de tradições, postulando as regras do bem “falar” e “escrever”. Prestigiada pelos grandes clássicos da literatura grega, originou-se na Grécia antiga. Martelotta (2012, p. 25) diz que:

A Gramática Tradicional, também conhecida como normativa ou gramática escolar, é aquela que estudamos na escola desde pequenos. Nossos professores de português nos ensinam a reconhecer os elementos constituintes formadores dos vocábulos (radicais, afixos, etc.), a fazer análise sintática, a utilizar a concordância adequada, sempre recomendando correção

no uso que fazemos da língua. No entanto, raramente nos é dito o que é esse estudo e com que finalidades

Diante do posicionamento do autor em relação a Gramática Tradicional, percebe-se uma série de questões relacionadas a esse tipo de estudo, como é o caso da correção no uso que fazemos da língua, como se outras formas de falar não fossem apropriadas para certos tipos de comunicações. Outro caso é o uso da concordância adequada, constantemente ignorada no ato da fala pela maioria dos falantes. O que decorre dizer que a maioria dos alunos falam de forma “errada”, porque o uso de qualquer fenômeno da linguagem que seja falado de forma diferente daquele que é empregado pela norma padrão deve ser evitado. A questão aqui não é ignorar o que já está prescrito e impregnado, como é o caso das regras gramaticais, mas sim tentar entender qual é realmente a destinação de se estudar sobre tantas ideologias, outrora diferente dos conceitos referentes ao real uso da língua. E assim propiciar seu real interesse sem desconsiderar, que indagações referentes ao porquê de se estudar Gramática é importante levando em consideração sem que haja a discriminação no uso da fala. A variedade padrão segundo Milroy (2011, p. 69 apud CYRANKA 2016, p. 137):

Não constitui um vernáculo e não é falado exatamente por ninguém: “[...] a ideologia do padrão decreta que o padrão é uma ideia na mente – é uma variedade perfeitamente estável, claramente delimitada e perfeitamente uniforme -, uma variedade que nunca é nem consistentemente realizada no uso falado.

Observa-se que nenhum falante de Língua Portuguesa, nem mesmo o professor que trabalha na área é considerado falante de norma padrão, pois o padrão é somente um modelo a ser seguido em situações pertinentes, o máximo que ele pode ser é falante da norma culta considerada a norma de maior prestígio e que pode ser encontrada em pessoas letradas, professores formados e acadêmicos de universidade. Sendo o padrão uma variedade estável, não pode ser modificada, deixando de lado o que ocorre de transformações decorrentes com o passar do tempo quanto a variedade da língua.

Com o intuito de dizer o que é “certo” ou “errado”, essa tendência gramatical perdura até os dias atuais com forte influência na aprendizagem. Baseada principalmente na escrita, a norma padrão rejeita totalmente a linguagem oral, expressa na fala. É por isso que é muito comum na escrita apontar tantos erros ortográficos, sendo que na fala quase que isso não acontece. Martelotta (2012, p. 25) afirma que essa concepção normativa é estranha à

Linguística, ciência que se propõe analisar e descrever a estrutura e o funcionamento dos sistemas da língua.

Nessa linha de pesquisa, quanto à forma expressa na linguagem dos falantes e suas fundamentações, é de grande interesse para a análise dos dados verificar como realmente a língua se comporta em toda a sua interação de uso real. É através da língua que o indivíduo irá integrar-se para construção de sua identidade, e isso não exige uma regra convencional, acontece de forma natural e espontânea na vida dos falantes de acordo com os fatores internos individuais. Ainda de acordo com Martelotta (2012, p. 25):

É importante observar que os critérios de correção que privilegiam a forma padrão em detrimento da coloquial não são estritamente linguísticos, mas decorrem de pressões políticas e/ ou socioculturais. Isso não significa que, em termos linguísticos, não há nada em uma forma de falar que caracterize como correta ou errada. As formas consideradas corretas são, na realidade, aquelas utilizadas pelos grupos socialmente predominantes.

Não há nesse caso uma razão ideológica coerente quanto ao critério de correção da língua, visto que enquanto uma decorre de pressões e processos sociais a outra ocorre espontaneamente. Na realidade, as formas ditas “corretas” formulam uma convenção do tradicionalismo ligado às ideias de uma sociedade vigente, onde quem tem poder é o ditador na chamada hierarquia social. Não dá para negar a grande influência dos fatores internos que predominam de maneira determinante em muitos aspectos políticos e socioculturais de forma a consolidar de alguma maneira suas influências. Novas concepções de ensinos precisam ser levadas em consideração, quanto a sua viabilidade na formulação de novas ideias educacionais, levando a reflexão de muitos fatores relacionados ao ensino nas escolas.

1.2. A implicação dos estudos sociolinguísticos para a educação escolar

Tratando-se de educação cabe aqui enfocar um dos fatores de grande relevância na vida escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), nele podemos encontrar documentos que ajudam no desenvolvimento e acompanhamento na construção da cidadania dos alunos. Coelho (2015, p. 136, apud PCN's, 1997, p. 26) discorre que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mais há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

As variedades linguísticas no Brasil são evidentes, assim também como os preconceitos que a cercam. Segundo os PCN's (1997), há muitas ideias atribuídas a valores sociais sobre a forma com que essas variedades da língua se concretizam. Pessoas de classes sociais mais altas ou aquelas que puderam ter um conhecimento a mais do ensino escolar superior, são os que gozam dos prestígios sociais, enquanto os menos favorecidos ficam à espreita da margem de uma sociedade. Os PCN's contribuem de certa forma para que essa realidade seja mudada, se caso fossem levados em considerações, pois de acordo com Faraco (2008, p. 193) “fica evidente, passados os primeiros dez anos de sua vigência, que eles [os PCN] não foram assimilados pela escola e, por consequência, pouco ou nada tem significado para o seu cotidiano”. Ao contrário dessa realidade. Cagliari (2007, p. 37) alega que:

A escola comumente leva o aluno a pensar que a linguagem correta é a linguagem escrita e que a linguagem escrita é por natureza lógica, clara, explícita, e que a linguagem falada é por natureza mais confusa, incompleta, sem lógica, etc., nada mais falso. A fala tem aspectos contextuais pragmáticos que a escrita não revela, e a escrita tem aspectos que a linguagem oral não usa.

Na fala, é possível detectar uma série de situações hierárquicas, sociais com aspectos pragmáticos voltados para a ação prática, que a escrita não faz caso. Por exemplo, a linguagem oral, na maioria das vezes, não usa a pontuação no final de uma frase, isso é um aspecto importantíssimo da linguagem escrita, mas que nem sempre é observada na fala. Para muitos professores, a Gramática Normativa é primordial na formação de alunos competentes, chegando até mesmo a exigir que o aluno fale de maneira “correta”, com isso deixa de lado toda a aprendizagem e experiência dos alunos. Nesse sentido, faz-se necessário a importância na reflexão de profissionais formadores de pessoas livres de preconceitos com o outro. Callou (2009, p. 14, apud CYRANKA 2016, p.153) tece um comentário interessante nesse sentido:

Entende-se, desse modo, que a formação do professor de Língua Portuguesa, em qualquer nível, deve ser radicalmente modificada, passando a fomentar-se no conhecimento, compreensão e interpretação das diferenças hoje – e sempre – existentes na escola, a fim de que haja uma mudança de atitude do professor diante das condições socioculturais e linguísticas dos alunos. Faz-se necessária também uma reformulação dos conteúdos e dos procedimentos de ensino da língua, que tem por objetivo o domínio da chamada norma culta, sem estigmatização, conteúdo, das variedades linguísticas adquiridas no processo natural de socialização.

Primeiramente é necessário que o professor aborde sobre variações em sala de aula, para que mais adiante o aluno não se assuste quando se deparar com questões do tipo, e que foque seu alvo principal no que diz respeito aos preconceitos que ocorre dentro da escola. Falta, na escola, uma pedagogia adequada ao desenvolvimento de práticas de letramento que possibilitem aos alunos desenvolverem competência de leitura e escrita não somente nas variedades chamadas cultas, mas também nas variedades linguísticas como uma característica de todas as línguas.

De fato, cabe a escola o papel de mudar de postura diante das inovações dos últimos anos, na questão de saber direcionar conhecimentos ligados às variedades da fala e da escrita mediante a linguagem humana. O processo de ensino - aprendizagem não é único e exclusivo dependente da escola, pois há muitas realidades divergentes fora desse processo que o aprendiz também vive, em casa, na rua, dentro de grupos sociais e também na escola. Cada ocasião pede uma postura na qual o sujeito domina muito bem de certa forma. Isso determina que certos aspectos encontrados nas comunidades de pessoas, por exemplo, da zona rural, naturalmente não será a mesma encontrada numa comunidade urbana. Freire (2007, p. 150) salienta que:

[...] é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo.

A escola é a principal portadora das interações sociais decorrentes de diferentes culturas, é nela que os conflitos interculturais e sociolinguísticos ocorrem de variadas formas conflitantes. Esses conflitos manifestam-se através de inúmeras ações cotidianas dentro de uma sala de aula. O uso das variedades consideradas populares do português, muitas vezes ao invés de tornarem-se alvo de estratégias de ensino, findam prejudicando aqueles associados a um grupo social mais vinculado ao desprestígio social no caso das classes baixas.

Esse é um dos importantes motivos que dificultam o ensino de Língua Portuguesa no contexto escolar, é nessa hora que surgem ideias de que aprender o português é muito complicado, porque em casa é falado de uma forma, e quando o aluno chega na escola, descobre que é errado falar dessa maneira. O porquê de se estudar a gramática normativa deve ser explicado, mas de forma alguma como a “dona da verdade”. O papel da escola é incentivar o aluno à prática e ao hábito pela leitura, sem que este passe despercebido que é importante aprender de acordo com as normas ortográficas vigentes, que exigirão dele no

futuro para sua vida profissional, sem desvalorizar a bagagem trazida pelo o aluno de casa. Incentivar o aluno a praticar o hábito pela leitura é tão importante quanto dizer a ele que seus conhecimentos de mundo são válidos e devem ser considerados. Infelizmente, algumas escolas não fazem caso de conhecimentos como esses.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas estaduais do Município de Tabatinga no Amazonas, localizadas no centro da cidade na Avenida da Amizade rua principal, com a participação de dois professores de ensino fundamental. O professor que aqui chamaremos de P1, tem trinta e nove anos de idade, mestre em Língua Portuguesa, atuante na profissão já por 13 anos, formou-se pela Universidade do Estado do Amazonas no município de Tabatinga, sendo ele natural deste local. A P2 tem trinta e oito anos, atuante há 8 anos em sua área, formou-se na Universidade do Estado do Amazonas. Durante a pesquisa optou-se entrevistar um professor e uma professora devido a questão de gênero sendo que a diferença pode influenciar nas escolhas dos professores, e com isso enriquecer mais o trabalho.

Visto que o foco foi reter um conjunto de opiniões sociais dentro de uma determinada comunidade específica de fala, no caso as de professores, a pesquisa de cunho sociolinguístico, teve como foco o estudo da Linguística Aplicada, visto que é uma área de conhecimento que se dedica ao estudo das línguas dentro da sociedade. Partindo de um processo qualitativo, a análise de índole histórico-social do fenômeno estudados, não levou em consideração os aspectos estatísticos ou numérico para sua a reflexão.

Os procedimentos começaram, primeiramente com duas observações participantes, referentes a cada professor entrevistado, que consiste na constatação pessoal do pesquisador com o público alvo, para a obtenção de dados concisos quanto ao assunto discutido. Com o auxílio de um diário de campo, foi possível fazer o maior número de anotações possíveis, com a relação à forma como o professor trabalha a variação em sala de aula.

Posteriormente foram colhidas duas entrevistas semiestruturadas de aproximadamente dez minutos, com as seguintes perguntas: na sua época de graduação existia a disciplina Sociolinguística? Você acha importante trabalhá-la? Como você professor, trabalha as variações em sala de aula? Qual a reação dos alunos quando o professor aborda as variações? E como você professor, lida com os preconceitos linguísticos?

Dessa forma, foi verificada, a viabilidade de como o professor lida com a questão da variação na escola no século XXI, esse tipo de entrevista segundo Minayo (2013, p. 64) combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer

sobre o tema em questão, sem perder a indagação formulada, para então ser feita transcrição de acordo com a fala e o ponto de vista do professor.

3. O tratamento da variação linguística discutido através da opinião dos professores de Língua Portuguesa

Nessa sessão, iremos discutir como é o tratamento das variações linguísticas pelos professores entrevistados. Os dados, discutidos a seguir, estão diretamente relacionados com o posicionamento do professor em sala de aula, seja por meio da entrevista, seja por meio da observação.

Através do processo de interação professor-aluno em sala de aula, foi possível perceber muitos fatores peculiares aos preceitos da Sociolinguística na prática docente. Primeiramente foi possível detectar que já há o nítido envolvimento de alguns professores com o tema proposto. O P1 demonstrou um vasto conhecimento sobre as variações, a partir de sua desenvoltura no desenvolvimento do tema, ao ser repassado para os alunos. Mostrou-se seguro, familiarizado com o assunto, e no momento da entrevista respondeu a todas as perguntas sem rodeios, e sem a ajuda de um material de apoio para que pudesse responder. Tem um estilo conversante na condução de suas aulas e flexível, levando os alunos a envolver-se de forma direta nas atividades propostas, pois demonstra um envolvimento com a turma, mostrando interesse pela opinião dos alunos nas atividades.

Diferente da P2 que durante a observação mostrou-se insegura, com pouco conhecimento, utilizava sempre de um papel de apoio pesquisado na internet para embasar seus raciocínios, assim como na hora da entrevista, possuía pouco argumento, apresentava respostas curtas e vagas. O conteúdo utilizado em sala de aula não atingiu as expectativas dos alunos, deixou-os com dúvidas e sem respostas.

A mesma declarou que na sua época de formação não havia a Sociolinguística na grade curricular. Isso resultou num trabalho superficial em sala de aula com relação ao tratamento linguístico dos alunos, decorrente de um prejuízo acadêmico onde não houve reflexões críticas a respeito da importância de saber as variações linguísticas para posteriormente ser trabalhada no ambiente escolar por parte da P2.

Durante a entrevista, ambos os professores foram indagados, sobre se na sua época de graduação existia a disciplina Sociolinguística. O P1 que leciona no ensino médio, respondeu da seguinte maneira:

JÁ já se comentava sobre a parte da linguística inclusive eu eu tinha um professor que ele abordava bastante isso né ah... as variações linguísticas a parte do pópio fonema né ih posterior a isso eu também trabalhei né na minha (iniciação) científica com a parte da linguística eu fui trabalhar com os índios ticunas né então éh... éh uma área que eu me identifiquei ih ih se eu acho importante? claro que sim... porque tendo em vista que a língua ela é diacrônica né ela tá em constante evolução tá se desenvolvendo tempo todo então a gente percebe essas mudanças né que ocorre na língua principalmente aqui nessa região da fronteira né então isso me ajuda me possibilita me ajuda trabalhar melhor com os alunos neste respeito.

Importante notar que o P1 além de já conhecer a disciplina Sociolinguística, ainda teve a oportunidade de trabalhar nessa área. Percebe-se que o P1 distancia os conceitos de língua que é pregado pela Gramática Normativa priorizando os conceitos da Linguística, pois nota-se que ele trabalha a variação fonológica, visto que ele já trabalhou a variação linguística relacionada aos fonemas. Porém, por algum instante de sua fala, ele se confunde ao afirmar que a língua é diacrônica, quando na verdade a língua está em constante evolução linguística “a língua ela é diacrônica né ela tá em constante evolução” Saussure (1969) afirma que a diacrônica é o estudo das línguas através dos tempos, ou seja, não vivemos falando a língua no passado, ela sofre uma grande transformação com o passar dos tempos, é dinâmica e está em constante mudança. Ao fazer a afirmação, o professor confundiu os termos diacronia com evolução, pois o mesmo manteve-se seguro ao explicar com clareza do que se tratava os estudos sociolinguísticos, motivo esse poderia ser a pressa na hora da entrevista, ou até mesmo a intimação do gravador.

Já em relação a P2 seu posicionamento mostrou-se da seguinte maneira:

Recorte 2

não no ano que eu me formei nos anos que eu estudei não tinha Sociolinguística tinha os assuntos sociolinguísticos da disciplina Linguística mas não tinha eu acredito que seja importante pelo menos porque a gente procura conhecer a nossa a nossa a nossa maneira de falar individual

Para a professora de ensino fundamental, os estudos sociolinguísticos eram somente revisados na disciplina Linguística, dava-se pouca importância para essa área de conhecimento, fica nítida essa comprovação ao analisar que a P2 confunde língua e fala ao afirmar “a nossa maneira de falar individual”. Com isso, a P2 deixa claro que ela se refere só ao que é o idioleto¹, ela não se refere o que é a língua e suas variações, a ver como uma forma individual como característica de cada um, e isso demonstra pouco contato com a

¹ Conjunto dos hábitos de fala do indivíduo considerados em determinada época (JOTA 1976, p. 171).

Sociolinguística, e por conta disso é afetada diretamente pelos preceitos da Gramática Tradicional.

Levando em conta esse posicionamento adotado pelos professores foi conveniente instigar-lhes, como era tratado esse assunto dentro da escola, se caso fosse abordado, quais seus pontos de vista sobre trabalhar variação em sala de aula. O P1 em seu depoimento assim se expressou:

Recorte 3

Eu particularmente eu gosto dessa área eu particularmente gosto realmente ih... e eu procuro abordar tendo em vista que (citou o nome da escola) ele absorve alunos de toda as regiões do Brasil né os filhos dos militares éh as pessoas que vem prá cá morar em Tabatinga né então eu percebo isso em sala de aula né eh por exemplo nós tínhamos uma aluna que veio pra cá ih ela ela não entendia o que se falava aqui na região né então eu procurava mostrar pra ela né que embora algumas palavras elas por assim dizer não tenha o mesmo nome ou exista modificações mas é tudo a mesma coisa né então eu procuro trabalhar nesse sentido mostrar pros alunos que as variações existem mas que elas são normais né são normais né e que na realidade a norma padrão ela converge pra isso pra determinar o que? Num importa se um falar PORTA [pohta] num importa se um falar porta [porta] o que importa é que a forma de se escrever a grafia é a mesma.

No trecho acima, o P1 deixa claro que sua opinião se tratando deste assunto, é positiva e favorável quanto a sua importância. Um vasto conhecimento sobre a variação linguística o educador demonstra, pois dá até mesmo exemplo de variação lexical, como nas palavras [pohta] e [porta] (retroflexo) decorrente da fala de uma de suas alunas vinda da cidade de Goiânia, ele enfatiza o “r” visto como um sotaque diferenciado do falar Tabatinguense ao pronunciar “*num importa se um falar pohta num importa se um falar porta o que importa é que a forma de se escrever a grafia é a mesma*” percebe-se que ele utiliza esse conhecimento de certa forma para apaziguar as diferenças encontradas em sala de aula. Pois segundo o próprio P1, a aluna no caso mencionada por ele, sofria de algum modo preconceito linguístico. O conhecimento que o P1 tem de Sociolinguística já ajuda o aluno de alguma forma a ter consciência, de que ele precisa respeitar as diferenças. Esse tipo de posicionamento adquirido pelo P1, mostra que de certa forma a educação linguística já está sendo promovida num ambiente heterogêneo, dentro da escola, onde as diferenças precisam ser respeitadas. De acordo com Coelho (2015, p. 138):

Para respeitar, entretanto o aluno precisa conhecer intimamente o quadro de variação linguística existente em nosso país e, a partir de reflexões sobre as regras variáveis da língua e os valores sociais atribuídos a diferentes

variantes, observar os aspectos que diferenciam as variedades e os efeitos sociais que redundam em atitudes de exclusão com base na variedade linguística que se fala. Só a partir de uma comparação entre os diferentes usos e as diferentes variedades linguísticas é que, como apontam os PCN, a norma culta, variedade de maior prestígio social, dever ser ensinada na escola.

Ao promover e fazer conhecida a noção de variação linguística, o P1 tem a consciência de que a partir das reflexões sobre os diferentes usos da língua, pode ajudar o aluno quanto a questão de entender e aceitar o outro da forma como se apresenta. Há o reconhecimento de se viver em uma região complexa onde há uma mistura de indivíduos de toda parte conforme expressa pelo P1, “*absorve alunos de toda as regiões do Brasil né os filhos dos militares*”. Fica claro nesse caso, a preocupação do educador quanto a questão de haver alunos provenientes de outras regiões do país, isso mostra que para ele é importante levar em consideração esses indivíduos, que enfrentarão de alguma forma certo tipo de desafio ao lidar com outros tipos de culturas, falares que divergem em muitos aspectos dos seus de costume. Foi notável também, a preocupação do P1 com o caso dos alunos estrangeiros que nesse lugar residem, provenientes de países vizinhos, como é o caso da Colômbia em Letícia, país que faz fronteira com o Brasil.

Durante as observações participantes o professor pedia constantemente que uma aluna colombiana, do país vizinho de fronteira, pronunciasse algumas palavras em espanhol com o mesmo significado em português, que constata a influência de Leticia em Tabatinga. Um dos exemplos que a aluna deu foi “Fumón” que influenciou a palavra “fumão” usada pelos falantes para caracterizar uma pessoa que fuma cigarros. Isso causou bastante interesse aos outros colegas que através desses exemplos foram surgindo outros e a discussão no qual todos se envolveram, foram abrindo mais ideias e a aula ficou bastante produtiva.

Infelizmente ainda há muitos professores que não se encaixam no perfil de utilizar como metodologias didáticas, materiais que ajudem os alunos nesse sentido, de aprender como que se dá o ensino das línguas e suas variantes. Fator esse que ocorre, seja por falta de conhecimento do professor nesse sentido, ou pelo desinteresse propagado pela escola, foi o que se constatou na P2. Ao fazer a mesma pergunta sobre como é trabalhado o ensino das variações linguísticas na escola a P2 responde da seguinte maneira:

Recorte 4

é agora atualmente já se trabalha já temos livros no sexto ano tem o assunto variação linguística inclusive eu já passei pro meus alunos isso ai tem no oitavo também no sétimo não trabalha mas tem os textos sobre variações

linguísticas do sétimo mas não é trabalhado e aí volta no oitavo ano já no oitavo ano o assunto variação linguística é mais a variação geográfica de estudam o português brasileiro com o português Portugal.

É importante observar que a professora explica que o ensino das variações linguísticas começou a ser trabalhado nas escolas atualmente, mas que antes não era visto e que esse assunto já passa a ser estudado com crianças de sexto ano, e volta a ser visto no oitavo, o que se pode perceber ao analisar o livro era que ele falava somente das variações regionais do Nordeste, o “caipirês” de São Paulo e uma boa parte sobre a diferença do falar do Brasil com o de Portugal, em nenhum momento foi observado à variação do Norte e ficou claro que ela é excluída do livro didático, por isso que os professores tem que ter um conhecimento da região, para falar sobre as variações e a P2 mostrou ter pouco interesse.

Durante as observações participantes, um fator relevante para o debate nesta pesquisa foi considerado, como é o caso do domínio de conteúdo dos professores em relação às variações e a forma como os alunos reagem ao deparar-se com essa realidade. O P1 manifestou grande eficiência em seu trabalho, na sala de aula, pois dialogou com os alunos a todo momento fazendo-os refletirem sobre a dinâmica da língua. Veja na cena abaixo uma das passagens onde mostra o andamento da aula do P1:

Cena 1

Vamos imaginar que você vá na feira, e de repente alguém fala: “nois quer come pexi frito hoje”. O P1 perguntou como vocês reagiriam? Será que irão criticar a pessoa por falar assim? Depois de ouvir a resposta dos alunos o educador explica: É certo que vocês devem usar a norma padrão, pois isso irá servir para vocês passarem em concurso, vestibulares, visto que vocês já estão quase terminando o ensino médio, mas é preciso que haja respeito quanto a fala das outras pessoas, das quais muitas não chegaram a uma escola para aprender sobre normas gramaticais, mas nem por isso deixam de comunicar-se com os demais porque não sabem ler e nem escrever.

A interação dos alunos quando se falou de variações ficou evidente, quando se tocou no assunto referente a algo que eles já conhecem visto de forma simples como a fala de alguém que não estudou e de alguém que possui um grau de escolaridade a mais e perceber que isso não passa de um simples fator relevante, em se tratando de variações e que essas, por sua vez, não constituem um erro ou muito menos deficiência, e sim uma realidade que deve ser considerada. Isso os leva a pensar em como estão agindo.

No momento da observação da P2, notou-se um conhecimento superficial referente ao assunto e o mesmo não era visto nas aulas, só foi ministrada porque as pesquisadoras pediram que a P2 aplicasse. Ela levou uma pesquisa de internet, com poucas informações, e em todo o

momento o auxílio de sua folha de pesquisa era utilizado, mostrou pouco domínio, não tinha argumento sobre o que era indagado, deixando os alunos confusos aparentando não entender o que era explicado. Na cena a seguir a P2 pediu para que duas alunas dessem o seu entendimento sobre variações:

Cena 2

P2: alguém sabe me dizer o que é variação linguística?

A1: é como interpretar textos

A2: são textos de como a gente fala

P2: variação linguística é a forma de como falamos em cada região.

A resposta da P2 foi curta e com pouco argumento, não fala que a língua muda conforme as gerações, apegou-se mais a pesquisa, falou somente da variação geográfica e ao explicar baseava-se em conceitos dos tipos de variações como por exemplo: a variação social sem explicar os fatores que acarretam esse tipo de variação, o grau de escolaridade a faixa etária, passando para o próximo conceito sem muita explicação, com isso ficou comprovado que a variação linguística no ensino fundamental está sendo tratada de uma forma bastante superficial, não há aprofundamento dos conceitos da sociolinguística, porque ela deixou de lado o que é a variação social, o que é jargão, as variáveis extralinguísticas, entre outras.

Sendo assim, cabe aqui contextualizar dentre os efeitos que a pesquisa proporcionou, quanto ao tratamento da variação em sala de aula, que há professores preocupados em ensinar conteúdos como esses, se tratando da língua, pois acredita ser uma área de conhecimento útil e inovador na aprendizagem dos alunos. Por outro lado, alguns professores não sabem nem mesmo lidar com o assunto, pois permanecem presos aos ensinamentos empregados por regras gramaticais, dando pouca importância ao ensino sobre variações. Foi constatado por exemplo, que nas séries de níveis fundamentais o tratamento da variação ocorre de forma insuficiente, para que os alunos possam aprender minimamente como ocorre o dinamismo presente na língua.

O trato da variação apenas foi verificado com mais ênfase no ensino de nível médio, onde o professor mostrou estar mais preparado para lidar com o conteúdo, falando abertamente com seus alunos. Outra questão pertinente é referente ao livro didático onde infelizmente ainda dá pouco ou quase nada de importância voltada para o tratamento da variação da língua. O assunto é tratado ainda de forma superficial pela escola, pois nota-se que ainda há uma grande ausência nas aulas de Língua Portuguesa que mostrem aos alunos contextos que os ajudem a racionar que é preciso uma flexibilidade quanto aos padrões linguísticos referente a história de que a língua muda com o passar dos tempos. Desse modo,

por meio das análises prestadas nesse artigo, pode se comprovar que o tratamento da variação linguística de acordo com a opinião e o posicionamento de professores de Língua Portuguesa são diversificados.

Considerações finais

Sabe-se que o preconceito é um dos grandes problemas enfrentados hoje pela sociedade, seja ele proveniente de origem, e um desses tipos de preconceitos nítidos presente em uma escola, dentro de sala de aula, é o preconceito linguístico. O reconhecimento desse tipo de preconceito é um grande passo para que se possa mudar as ideologias pregadas, desde então de que somente existe um jeito correto de se abordar o estudo gramatical.

É conveniente pensar que esse tipo de problema, se não levado em consideração, acarretará na formação de pessoas preconceituosas, que não respeitam o posicionamento do outro, quanto a sua origem em suas mais diversas variedades originárias de aspectos do indivíduo como, os culturais, níveis de escolaridades, sociais, gêneros, entre outros fatores.

A língua, segundo os estudos sociolinguísticos, é resultante das interações sociais no meio de uma determinada comunidade de fala, nessa linha de raciocínio, é importante constatar todo o dinamismo presente nessa entidade universal. Faraco (2008, p. 31) destaca que, “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”, sendo assim é lógico pensar, que a Língua Portuguesa não possui apenas um tipo de gramática considerada como única e puramente verdadeira. O pré-julgamento, seja na forma como o aluno fala, seja pelo seu comportamento diante dos colegas, deve ser evitado, deixando assim de provocar uma série de transtornos e desigualdades sociais, atenuados de preconceitos e julgamentos sem fundamentos, ao considerar que há línguas superiores às outras, pois uma vasta variedade linguística existe e não se pode negar isso, principalmente por parte dos professores o principal formador de ideias educacionais.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione. 2007.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**, São Paulo, Parábola. 2002.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MARTELOTTA, Eduardo Mário (Org.); **Manual de Linguística**. 2.ed, 1º reimpressão -São Paulo, Contexto, 2012. p. 141-155.

CYRANKA, Lúcia. Avaliação... In. MARTINS, Mario Antônio. **Ensino de português e sociolinguística**. 1º ed. Contexto, 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl.et al. **Para conhecer sociolinguística** (Coleção para conhecer linguística). São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Paz e Terra. 2007.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de Linguística**. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

MARTELOTTA, Eduardo Mário (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo, Contexto, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; Pesquisa social. **Teoria, método e criatividade** 33. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.); **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação** 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PRETI. Dino, 1930- Sociolinguística: **Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira / Dino Preti**. – 8. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo, 2002.